

Educomunicação e TAR: *smartphones* como mediadores do processo de ensino e aprendizagem

Educommunication and ANT: smartphones as educational process mediators and learning

Raquel Regina Zmorzenski Valduga SCHÖNINGER¹
Erica de Oliveira GONÇALVES²
Ademilde Silveira SARTORI³

Resumo

Neste artigo temos a intenção de refletir sobre as relações que se estabelecem entre as pessoas e as mídias digitais, sobretudo o uso de *smartphones* em sala de aula por alunos e professores. Nossa discussão se fará a luz da Teoria Ator-Rede (TAR) e da Educomunicação para que possamos discutir a interação entre humanos e não humanos, em especial as mídias digitais, a fim de construir ecossistemas comunicativos e gerar aprendizado. Conclui-se que o mais importante não é entender como as mídias digitais são utilizadas em sala de aula, mas como esses objetivos, estudantes e professores podem associar-se e assim tornarem-se mediadores do processo de ensino e aprendizagem, a partir do momento que levamos em conta os princípios que norteiam uma Prática Pedagógica Educomunicativa.

Palavras-chave: Educomunicação, TAR, Prática Pedagógica Educomunicativa.

Abstract

In this article we intend to reflect on the relationships established between people and digital media, especially the use of smartphones in the classroom for students and teachers. Our discussion will be the light of the Actor-Network Theory (ANT) and Educommunication so we can discuss the interaction between human and non-human, particularly digital media, in order to build communicative ecosystems and generate learning. It is concluded that the most important thing is not to understand how digital media are used in the classroom, but how these goals, students and teachers can join and

¹ Doutoranda em Educação do Programa em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE-UDESC) – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. E-mail: raquelvalduga.pmf@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGECT-UDESC) – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil. E-mail: erica.udesc@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação – USP. Coordenadora do Programa de Educação da UDESC – PPGE-UDESC. E-mail: ademildesartori@gmail.com

thus become mediators of the process of teaching and learning, from the moment we take into account the principles that guide a Educommunication Pedagogical Practices.

Keywords: Educommunication. ANT. Educommunication. Pedagogical Practices.

Introdução

Nossa contemporaneidade está marcada por práticas sociais que refletem a influência dos avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais: desde realizar uma transação bancária, marcar um encontro com os amigos pelo *smartphone* ou o simples ato de atravessar a rua aguardando o sinal do semáforo. Esta relação entre pessoas e coisas faz parte do cotidiano sem que nos demos conta desta proximidade, salvo quando estas tecnologias digitais deixam de funcionar ou entram em pane.

Segundo Lemos (2013) humanos e não humanos sempre estabeleceram uma relação de trocas, desde o surgimento do humano no planeta. Na cultura contemporânea ou na cultura digital mediadores não humanos (computadores, *softwares*, servidores, *smartphones*, entre outros) nos fazem fazer muitas coisas e nos provocam a mudar nosso comportamento diariamente. E nós, humanos, em contrapartida também mudamos esses não humanos de acordo com as nossas necessidades.

Cada vez mais esses não-humanos agora “inteligentes, comunicativos, conectados e sensíveis ao ambiente” os chamados “*smarts*” nos fazem fazer coisas e interferem na nossa forma de pensar e de agir em todos os domínios da cultura (família, trabalho, escola, lazer...). (LEMOS, 2013, p. 20)

A primeira vista nos parece estranho pensar nos objetos ou nas coisas como mediadores e que, portanto, eles nos fazem fazer coisas e vice e versa, mas eles estão interagindo conosco cotidianamente: acordamos com o despertar do nosso celular, nele conferimos como será a temperatura, a previsão do tempo, a condição do trânsito, depois checamos os e-mails, as mensagens recebidas durante a noite e enquanto tomamos café conferimos as notícias no *Twitter* e damos uma espiadinha no *Facebook* e no *Instagram* para nos inteirar da vida dos nossos amigos, bem, muitas pessoas começam seu dia assim.

Nesta direção, percebemos que a internet propicia rotas de navegação que integram humanos e não humanos em contínuas ações e associações. Estas relações sociais que ocorrem com pessoas conectadas em rede neste espaço, ou ciberespaço, é denominado de cibercultura (LEVY,1999; LEMOS,2002), ou seja, a cultura que acontece no ciberespaço.

“As comunidades do ciberespaço constituem-se na troca constante de conhecimentos que circulam, são modificados, reconstruídos, aumentados e editados de acordo com as demandas específicas de uma determinada situação” (MARTINO, 2015, p.31).

Assim, transitamos o tempo todo entre espaços individuais e coletivos ao acessarmos a Internet. Por exemplo: apesar de estarmos em casa sozinhos, estamos interagindo de alguma forma com os conteúdos que estamos selecionando, lendo ou até mesmo ouvindo e depois iremos compartilhar com outras pessoas aquilo que nos foi significativo, ou seja, vamos partilhar nossa experiência. E os adolescentes fazem isso a todo o momento com seus celulares inteligentes, os chamados “smarts”. Segundo Henry Jenkins (2009, p.44):

Um adolescente fazendo a lição de casa pode trabalhar ao mesmo tempo em quatro ou cinco janelas no computador: navegar na Internet, ouvir e baixar arquivos *MP3*, bater papo com amigos, digitar um trabalho e responder e-mails, alternando rapidamente as tarefas. E fãs de um popular seriado de televisão podem capturar amostras de diálogos no vídeo, resumir episódios, discutir sobre roteiros, criar *fan fiction* (ficção de fã), gravar suas próprias trilhas sonoras, fazendo seus próprios filmes – e distribuir tudo isso no mundo inteiro pela Internet.

Não tem como negar o fascínio das crianças e dos adolescentes pelas mídias digitais, eles estão cada vez mais conectados no ciberespaço: eles pesquisam, assistem, produzem e postam seus vídeos no *YouTube*, jogam, comunicam-se com seus amigos, familiares e até mesmo professores, ou seja, passaram de meros receptores da mídia para produtores ativos.

A presença das mídias digitais alteram as relações que estabelecemos nos cenários em que circulamos, inclusive na escola, e nos mostra que há outras maneiras de ter acesso a situações de aprendizagem, além de possibilitar a criação de novos recursos didáticos, por meio da multimídia, com texto, som e imagem.

Reconhecer que as referências midiáticas adentram ao contexto escolar é uma necessidade, uma vez que os sujeitos da comunidade escolar (alunos, professores, gestores, demais funcionários, familiares) trazem consigo suas referências extraescolares. Perceba-se ou não, assumam-se ou não, os programas que acompanham na TV, os filmes que assistem no cinema, os jornais e revistas que leem, as mídias sociais que frequentam na Internet, os jogos digitais ou físicos que acessam etc., o próprio ciberespaço e os conteúdos veiculados por essas referências, são compartilhados e socializados também no interior das escolas, pois esta é uma característica das práticas socioculturais dos sujeitos contemporâneos.

Partindo da discussão sobre o papel que a comunicação desempenha nos processos educacionais formais e levando em consideração o segundo relatório da UNESCO⁴, podemos assinalar novos objetivos para a educação, tendo em vista que:

uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação [...] e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que na sua totalidade, aprende a ser (DELORS, 2004, p. 90).

Nesse sentido, o estudo das inter-relações entre Comunicação e Educação se faz necessário devido à crescente importância que a mídia e o desenvolvimento das tecnologias adquirem nas relações sociais, interferindo na produção de conhecimento e de cultura. Novas práticas comunicativas surgiram neste processo de avanço das tecnologias digitais e, portanto, novas práticas pedagógicas podem ser implementadas tendo em vista a mesma lógica.

Pensando a partir da Educação, sob a perspectiva da Educomunicação, afirmamos que a aproximação entre Comunicação e Educação exige um outro pensar acerca dos modelos pedagógicos e também estratégias educacionais que consigam promover e facilitar o diálogo entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar como um todo.

⁴ UNESCO : *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*. Tradução: Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas). Veja mais no site [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil)

Neste artigo temos a intenção de refletir sobre as relações que se estabelecem entre as pessoas e as mídias digitais, sobretudo o uso de *smartphones* e *tablets* em sala de aula por alunos e professores. Nossa discussão se fará a luz da Teoria Ator-Rede (TAR⁵) e da Educomunicação para que possamos discutir a inter-relação entre Educação e Comunicação a partir da interação entre humanos e não humanos.

Educomunicação e teoria ator-rede: inter-relações e associações de conceitos e perspectivas para a escola

Para compreender a inter-relação entre Educação e Comunicação a partir da interação entre humanos e não humanos, é preciso trazer ao diálogo neste artigo alguns elementos principais da Educomunicação e da Teoria Ator-Rede. Iniciaremos, portanto com a discussão sobre Educomunicação e os conceitos de ecossistema comunicativo. Em seguida, abordaremos os conceitos de mediador, intermediário e actante pensados a partir da Teoria Ator-Rede.

Soares (2002) entende a Educomunicação como um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação, avaliação e desenvolvimento de processos e projetos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços escolares e para além dos muros das escolas. Ainda segundo o autor a Educomunicação não emerge espontaneamente, ela precisa ser construída intencionalmente a partir de ações que possibilitem a criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos. Essas ações devem ser qualificadas como:

- 1 Inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo);
- 2 Democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas);
- 3 Midiáticas (valorizando as mediações possibilitadas pelos recursos da informação);
- 4 Criativas (sintonizadas com toda forma de manifestação da cultura local). (SOARES, 2011, p. 37)

⁵ Vamos adotar neste trabalho a denominação “Teoria Ator- Rede e a sigla TAR, a partir da tradução de “Actor-Network Theory” (ANT) para o Português.

A partir dessas ações é possível construir intencionalmente espaços educacionais que priorizem a construção desse novo ecossistema comunicativo nos ambientes educacionais e para além deles também.

Segundo Jesús Martín-Barbero (2011), o ecossistema comunicativo constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Segundo o autor, é difuso, pois é constituído de uma mistura de linguagens e saberes que circulam por diversos espaços midiáticos, mas que são densos e intrinsecamente interconectados. O descentramento abre espaço para o surgimento de um ambiente educacional de informação e conhecimentos múltiplos (que não se limita mais à escola e ao livro).

A partir dessa perspectiva, entende-se o ecossistema comunicativo como uma ambiência que possibilita a construção e reconstrução do conhecimento de maneira coletiva, com uma reflexão constante e compartilhada do fazer pedagógico. Para que possamos criar e fortalecer esses ecossistemas comunicativos temos que pensar em espaços educativos que potencializem uma permanente troca de informações e de produção cultural que implique a construção coletiva de significados, “oportunizando a educação com a comunicação, e não para a comunicação” (SARTORI, 2012 p. 89).

Para a escola, além de educar para as mídias e com as mídias, importa construir uma Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE), ou seja, uma prática que amplie as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (professores, gestores, crianças, família e sociedade) e que favoreça uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida (SOUZA, 2013).

Ao escrever seu livro “Extensão ou Comunicação? ”, Freire (2006) faz uma reflexão sobre a importância da comunicação na construção do conhecimento. O eixo central da discussão do autor é que toda a comunicação deve estabelecer uma relação social igualitária, dialogal e as ações devem ser baseadas na coparticipação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. A comunicação, nesse sentido, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas o comunicado de um sujeito a outro, mas sim deve ter um significado importante para ambos.

Pensando na importância da comunicação e da coparticipação tanto de humanos e não humanos na construção de aprendizagens que sejam significativas não apenas para

os professores, mas para os alunos acima de tudo, surge uma inquietação que move esse estudo: como podemos pensar numa relação mais dialógica, ativa e criativa dos nossos alunos e professores a partir do uso de mídias digitais como os *smartphones* e *tablets* nos espaços escolares?

Para refletirmos sobre esse questionamento foi necessário buscar uma teoria que colocasse em mesmo plano ontológico humanos e não humanos, a saber, a Teoria Ator-Rede (TAR) sob o olhar de André Lemos (2013). A partir da TAR é possível compreender estas associações entre mídias digitais e pessoas, especialmente agindo em rede para o ensino e a aprendizagem dentro e fora das instituições escolares.

André Lemos (2013) em sua obra “A comunicação das coisas” apresenta as bases da teoria Ator-Rede sob o acrônimo TAR, na qual convida outros pesquisadores a se valer das discussões apresentadas e aplicá-las às suas áreas de interesse. Aceitamos o convite do autor e buscamos, neste trabalho, abordar as mídias digitais em sala de aula, sobretudo os *smartphones*, a partir dos pressupostos da TAR a fim de que consigamos integrar estes humanos e não humanos em torno de um ecossistema comunicativo, aberto e participativo no espaço escolar.

A Teoria Ator-Rede (TAR) tem origem nos estudos de ciência e tecnologia e se aplica principalmente nos casos em que não humanos podem ter papéis de atores (intermediários ou mediadores) nas relações sociais e “não meras projeções simbólicas” (LATOUR, 2012, p.29). Neste sentido, é possível aproximar a TAR da Educomunicação já que ambas levam em conta o sujeito em sua totalidade e rompem com a visão iluminista e funcionalista das relações sociais. Para a TAR são levados em conta os híbridos (LATOUR, 2012; LEMOS, 2013) - humanos e não humanos, sujeito e objetos - criados por contínuas mediações que produzem as redes e associações.

Ou seja, a aproximação, comunicação e interação de humanos (professores, alunos, equipe pedagógica, comunidade escolar...) e máquinas (*tablets*, *smartphones*...) põe em xeque a visão meramente instrumental dos artefatos tecnológicos e das mídias digitais limitadas a ferramentas didáticas. Neste sentido, é emergente pensar em ações, associações e inter-relações entre pessoas e coisas, a fim de analisar o conjunto de atores (humanos e não humanos), denominados por Latour (2012) como actante – palavra utilizada na TAR para designação de um ator humano ou não humano, uma vez

que ele altera o status de participante e também influencia, promove a intervenção nos processos de ensino e de aprendizagem.

Estes actantes, ou seja, atores humanos e não humanos, podem transitar, entre mediadores e intermediários, sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede. Segundo Latour (2012), mediadores são os actantes que promovem ações e associações em rede. Lemos (2013), por outro lado, não faz distinção entre mediador e actante. Já os intermediários, são elementos humanos e não humanos que apenas transmite e/ou reproduz as ações e associações existentes, sem, no entanto, modificá-las.

Diante do exposto, é possível pensar em ações e associações entre elementos humanos e não humanos, em especial as mídias digitais, a fim de construir ecossistemas comunicativos - mediadores -, segundo o conceito da TAR, a fim de gerar aprendizado, como mostraremos a seguir. A resposta pode estar nas Práticas Pedagógicas Educomunicativas.

Prática pedagógica educomunicativa e mídias digitais: entre mediadores e intermediários no processo de ensino e aprendizagem

Ao pensarmos em como tornar a relação mais ativa e criativa dos nossos alunos e professores, a partir do uso dos *smartphones* e tablets nos espaços escolares, nos fez refletir em como estas mídias digitais podem passar de meros intermediários - limitados a ferramentas de uso didático - para mediadores no processo de ensino e de aprendizagem.

A saber, mediadores são elementos heterogêneos (humanos ou não humanos) que promovem ações e associações na rede. Já os intermediários são aqueles (humanos ou não humanos) que apenas refletem, transportam e reproduzem as ações e associações existentes sem, no entanto, modificá-las (LATOURE, 2012; LEMOS, 2013).

Com isto, acreditamos que por meio de uma Prática Pedagógica Educomunicativa, ou seja, a partir da reflexão sobre as possibilidades e estratégias educacionais que possam potencializar o diálogo pedagógico com as mídias digitais é possível transformar essa visão intermediária desses objetos e torná-los mediadores do processo de ensino aprendizagem.

Ao pensarmos uma Prática Pedagógica Educomunicativa, estamos pensando numa prática da Educação e da Comunicação baseada no diálogo e na participação tanto de humanos e não humanos. Em outras palavras, a aproximação entre Educação e Comunicação, assim como de humanos e não humanos implica na criação de estratégias que consigam dialogar com crianças e adolescentes nessa contemporaneidade que é marcada pelas interações midiáticas.

O conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa surgiu, segundo Souza (2013, p. 198), como aquela que leva em considerações os seguintes princípios:

1. Considera as particularidades desta contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;
2. Estabelece um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;
3. Amplia as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, família e sociedade);
4. Preocupa-se com o uso pedagógico de recursos tecnológicos e midiáticos;
5. Favorece uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida.

Ao considerar o universo midiático e tecnológico, impregnado de associações entre mídias digitais e pessoas, é possível relacionar a PPE com a Teoria Ator-Rede, levando em conta as ações em rede de mediadores e intermediários. Ou seja, pensar estas mídias digitais na escola para gerar aprendizado, estabelecendo, portanto, ecossistemas comunicativos. Assim é possível pensar nestes agrupamentos de pessoas (comunidade escolar, alunos, professores, equipe pedagógica) e mídias digitais (*smartphones* e *tablets*), agindo em rede e constituindo mediadores neste processo de escolarização.

Como sujeitos produtores, e não mais meros expectadores, estes alunos, integrados às mídias digitais, podem avançar em transformar informações em significados.

Máquinas lidam com informações; seres humanos, com o significado dessas informações. No entanto, na medida em que a torrente de dados é cada vez maior, o resultado é um predomínio da informação sobre o significado - boa parte das informações que as pessoas recebem todos

os dias, em aplicativos *emails* e redes sociais não significam absolutamente nada. Não vão além da superfície de informação. (MARTINO, 2015, p.42)

Assim, as mídias digitais, ao transmitirem uma grande extensão de conteúdo sem gerar significado, elas se limitam a intermediárias, dentro da perspectiva da Teoria Ator-Rede. O desafio, portanto, é gerar significado para estas informações, criando ou ampliando os ecossistemas comunicativos abertos e participativos.

Para que possamos criar ou ampliar ecossistemas comunicativos abertos e participativos é preciso dar voz a todos os envolvidos no processo educativo, ou seja, tornar o aluno e o professor produtores de conhecimentos, seja na sala de aula com os livros e textos impressos ou no ciberespaço, nas comunidades virtuais de aprendizagens e nas mídias sociais. Dar voz, quer dizer propor uma relação pautada no conceito de rede de Latour (2012) onde nenhum ator é melhor que o outro, eles estão envolvidos na mesma rede e apenas desempenham papéis diferentes, nem melhor, nem pior.

Quando a escola leva em conta as particularidades desse universo mediático e tecnológico, dos quais crianças, jovens e professores fazem parte, é possível criar um elo entre o cotidiano desses alunos e educadores. Ou seja, ao utilizamos as mídias digitais na escola estamos trazendo um pouco da vida dos alunos para esse espaço formal de aprendizagens, fazendo com que as pontes de diálogos sejam mais facilmente construídas.

Ao darmos voz ativa aos nossos alunos vamos descobrir os reais interesses deles nas mais diversas áreas: quais suas músicas preferidas, filmes, livros, jogos, sites, disciplinas escolares, enfim, iremos conhecer melhor eles em sua vida cotidiano e com isso suas “aprendizagens distraídas”. Segundo Sartori (2012, p. 90) “ o termo aprendizagem distraída se relaciona com a aprendizagem informal, com aquela que acontece enquanto nos divertimos, no entretenimento, no lazer, no descanso, na brincadeira”.

Ao invés de reclamarmos que os alunos passam muito tempo nos seus *smartphones*, porque não trazê-los para sala de aula junto com todo o seu potencial interativo e criativo e assim explorar as “aprendizagens distraídas” também no Português, na Matemática, na Geografia e em todas as áreas do conhecimento. Sabemos que não será de uma hora para outra, que precisa de muita conversa, de um novo

entendimento sobre os espaços coletivos e os usos desses não humanos, mas acreditamos ser possível, se essa caminhada for em conjunto e baseada no diálogo, como propõe os princípios da Prática Pedagógica Educomunicativa. Ao invés da leitura obrigatória dos livros clássicos da literatura, podemos, por exemplo, propor a criação de contos clips, misturando o texto com som, imagem e movimento. Explorar a Matemática nos jogos de interesse dos alunos, aprender potência com a Torre de Hanói, por exemplo. Utilizar o *google maps* para que eles possam aprender a se localizar e entender melhor a importância da Geografia na nossa vida cotidiana.

Utilizar essas coisas inteligentes, os chamados “*smarts*” como mediadores do processo de ensino e aprendizagem é “criar condições para o desenvolvimento de atitudes, de competências e aquisição de conteúdos que viabilizem uma inserção no mundo de modo mais intenso, criativo, produtivo e crítico”. (SARTORI, 2012, p. 92)

De outro lado, para ter significado, temos que pensar nas relações entre os usuários destas mídias digitais e como estabelecem diálogos entre si no ciberespaço. E neste movimento de agrupamentos e associações, eliminando as fronteiras de espaço geográfico, professores e alunos podem buscar aprendizagens significativas em ecossistemas comunicativos abertos e participativos.

Considerações finais

Humanos comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não. E fazemos coisas para nós e para outras coisas. É assim desde o surgimento do humano no planeta. (LEMOS, 2013, p. 19)

Conhecemos as associações entre elementos humanos e não humanos no movimento dialógico de ensino e de aprendizagem e que os objetos agem e fazem coisas e pessoas agirem (LEMOS, 2013), mobilizam e são mobilizados, transformam e são transformados. Diante do exposto acreditamos que a Educomunicação e a Teoria Ator-Rede poderão contribuir para a reflexão e o aprofundamento das discussões sobre o ensino e a aprendizagem a partir da utilização de mídias digitais em sala de aula, passando de meros intermediários a mediadores, pois entendemos que “uma Prática Pedagógica Educomunicativa pretende desenvolver ações voltadas ao desenvolvimento

de autorias, de coautorias, de exercício da expressão criativa, da produção coletiva de saberes”. (SARTORI, 2012, p. 92)

Paulo Freire (2007, p. 107) no livro “Pedagogia da autonomia” nos ensina que a liberdade é que vai trazer a responsabilidade frente ao mundo e que “ninguém é autônomo para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”. E é com esse entendimento de liberdade que queremos construir a autonomia dos alunos ao utilizarem seus *smarts* e *tablets* em sala de aula. Somente com a construção de redes e dando espaço para que eles possam exercitar a experiência da autoria é que poderemos amadurecer em nossos alunos a autonomia de saber como, quando e para quê utilizar esses recursos no espaço escolar.

Ou seja, o fenômeno da aprendizagem, ou a mediação é o próprio efeito dessa rede que emerge continuamente no movimento dessas associações e agrupamentos entre elementos humanos e não humanos. Portanto, esta investigação buscou entender não como são utilizadas as mídias digitais em sala de aula, mas como esses objetos, estudantes e professores - actantes - se associam de forma a gerar aprendizado, se transformando em mediadores, a partir do momento que levamos em conta os princípios da PPE e as aprendizagens distraídas dos alunos.

Referências

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. Desafios culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 9. ed. São Paulo; Brasília: Cortez; MEC; UNESCO, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. Ed. 13, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. Ed. 17, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**: Teoria Ator-Rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SARTORI, Ademilde Silveira. A prática pedagógica educacional e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar. In: REGIS, Fátima et al. **Tecnologias de comunicação e cognição**. Porto Alegre: Sulina 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educação. **Comunicação & educação**, São Paulo, n. 23, jan./abr. 2002.

_____. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUZA, Kamila Regina de. **Desenhos animados e educação**: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação infantil. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.